

# VIOLÊNCIA EM ESCOLAS PÚBLICAS E A PROMOÇÃO DA SAÚDE: RELATOS E DIÁLOGOS COM ALUNOS E PROFESSORES

*Violence in public schools and health promotion: reports and dialogues with students and teachers*

Artigo Original

## RESUMO

**Objetivo:** Analisar as percepções sobre a interação entre saúde e ambiente, a partir dos relatos e diálogos com adolescentes e professores de duas escolas públicas do Rio de Janeiro, Brasil, sobre a violência e a promoção da saúde. **Métodos:** Estudo descritivo, qualitativo, desenvolvido entre fevereiro a junho de 2009, envolvendo 153 alunos de duas escolas públicas do Rio de Janeiro, e 17 professores. Para a coleta de dados com os estudantes, adotaram-se a observação participante com anotações em um diário de campo, um questionário semiestruturado e grupo focal. Com os professores, utilizaram-se a observação participante com anotações em um diário de campo e grupo de estudo. Realizou-se análise temática, buscando estabelecer núcleos de sentido. **Resultados:** Os relatos dos alunos apresentaram discussões sobre três formas de violência: urbana, escolar e sexual intrafamiliar. Sobre a violência urbana, os alunos destacaram a questão da falta de segurança pública, principalmente em sua área de lazer. A violência escolar foi caracterizada como: a) violência na escola (violência física e psicológica entre alunos, *bullying* e contra o patrimônio escolar); b) violência da escola (através de comentários pejorativos de professores sobre alunos); c) violência contra a escola (desvalorização do professor e as consequências à sua saúde). Os estudantes também comentaram sobre a violência sexual intrafamiliar, o adolescente como vítima ou autor da agressão a um membro da família. **Conclusões:** Estratégias de enfrentamento à violência devem ser estabelecidas como medida de promoção de saúde para alunos, professores e famílias.

**Descritores:** Saúde Pública; Promoção da Saúde; Violência; Ensino Fundamental e Médio.

## ABSTRACT

**Objective:** To analyze perceptions about the interaction between health and environment, from the reports and conversations with teenagers and teachers from two public schools in Rio de Janeiro, Brazil, on violence and health promotion. **Methods:** Descriptive and qualitative study, conducted from February to June 2009, involving 153 students of two public schools in Rio de Janeiro and 17 teachers. Data collection among students was carried out by means of participant observation with notes in a field diary, a semi-structured questionnaire and focus groups. Among teachers, participant observation with notes in a field diary and study group were adopted. A thematic analysis was performed, seeking to establish units of meaning. **Results:** The reports of the students presented discussions on three forms of violence: urban, school and sexual violence within the family. About urban violence, the students highlighted the issue of lack of public safety, especially in their entertainment area. School violence has been characterized as: a) violence in school (physical and psychological violence among students, *bullying* and against school property); b) violence of the school (through derogatory comments of teachers on students); c) violence against the school (devaluation of the teacher and the outcomes of school violence on teacher's health). Students also commented on sexual violence within the family, the teenager as a victim or the perpetrator towards a family member. **Conclusions:** Violence coping strategies should be established as a health promotion measure for students, teachers and families.

**Descriptors:** Public Health; Health Promotion; Violence; Education, Primary and Secondary.

Kátia Ovídia José de Souza<sup>(1)</sup>

1) Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/ Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro (RJ) – Brasil.

Recebido em: 27/06/2011  
Revisado em: 18/10/2011  
Aceito em: 02/11/2011

## INTRODUÇÃO

O ataque e assassinatos de vários alunos de uma escola pública de ensino fundamental do Rio de Janeiro, no dia 7 de abril de 2011, nunca antes visto nessas proporções na realidade brasileira, ficou marcado na memória de todo carioca e de todo brasileiro. A violência foi exposta de forma cruel em um espaço que seria apenas dedicado ao acolhimento, cuidado e educação, agora o modismo americano repete-se infelizmente em nosso país. Assim, cresceu o debate sobre violência e escola, seja sobre aumentar a sua segurança com equipamentos mais sofisticados, imitando a solução norte-americana de colocar porta detectora de metais na entrada da escola<sup>(1)</sup>, ou construir projetos participativos com todos os atores sociais da escola (alunos, educadores e funcionários e famílias) para a promoção da saúde do ambiente escolar.

A escola ainda emerge como um espaço pouco explorado, em suas relações e comportamentos agressivos entre estudantes, educadores e funcionários, e famílias<sup>(2)</sup>. Destacam-se três formas de violência: na escola (entre alunos, de aluno contra a escola, da escola contra o aluno), da escola (violência simbólica) e a violência contra a escola (a desvalorização social e o empobrecimento do professor<sup>(3)</sup>).

A violência na escola é a mais divulgada pela mídia e a mais facilmente identificada pelos profissionais da escola, pelos órgãos que a dirigem e pelas instituições policiais. A violência protagonizada pelos alunos, geralmente, é a mais frequente, por ser mais visível. Entretanto, isso não elimina a violência da escola contra o aluno. A violência entre alunos pode ser expressa através de xingamentos, brigas com e sem violência física, ameaças, furto de material, por exemplo. O *bullying* é uma das formas da violência entre alunos, na atualidade, que mais tem preocupado educadores e famílias. Antes o *bullying* era pouco estudado e considerado como próprio da idade e do ambiente escolar, entretanto, suas características de intencionalidade, crueldade, humilhação e submissão de outro sujeito, ressaltam um problema social interpessoal grave. A violência de aluno contra a escola é mais conhecida como vandalismo e depredação escolar, envolve furto de materiais e equipamentos, quebra de instalações ou de equipamentos e pichações<sup>(3)</sup>.

Na violência da escola o professor é tanto alvo como autor<sup>(3,4)</sup>. O poder simbólico seria como um poder invisível de construção da realidade que tenta estabelecer uma ordem, isto é, um sentido imediato do mundo. Como um poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e a ação sobre o mundo, portanto o mundo. Um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), que só se exerce se for reconhecido e ignorado como arbitrário. O poder simbólico

reside nas relações entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos<sup>(5)</sup>.

Este tipo de violência da escola ocorre por símbolos e sinais de poder, de distinção, discriminação e dominação. Os professores estão sujeitos a essa violência quando são obrigados a participar de programas educacionais sem que tenham participação direta na sua elaboração. Assim, o professor vivencia uma dualidade, se por um lado representa o poder, exercendo o papel de dominador com os alunos, por outro, sofre o papel de dominado, submetendo-se à hierarquia das secretarias e conselhos de educação. Os alunos também podem ser contra a violência simbólica, entretanto, esse movimento é observado pelos educadores como indisciplina, ousadia, falta de educação, desrespeito e insubordinação<sup>(3,4)</sup>.

Sobre a violência contra a escola observa-se a deterioração da condição de trabalho do professor, constituindo um atentado contra a escola e desconsiderando a equipe professor e aluno como o mais importante pilar de sustentação da escola. Vive-se uma proletarização do magistério, e como consequência, os professores sentem baixa autoestima e perda do interesse na carreira. As políticas públicas na educação sucatearam as escolas e promoveram a desvalorização social do professor, com o desrespeito aos direitos humanos não só dos professores, mas alunos, famílias e toda a sociedade, que sentem esse efeito<sup>(3)</sup>.

O professor tem na escola seu ambiente de trabalho, local onde também se configura o seu processo saúde-doença, e envolve questões de condições de trabalho e saúde. O trabalho do professor apresenta uma necessidade de saber lidar com a violência escolar<sup>(6)</sup>. A categoria docente é uma das mais expostas a ambientes conflituosos e de alta exigência de trabalho, com problemas com alunos que chegam até a ameaças verbais e físicas. No entanto, no Brasil, pouco se tem feito para avaliar as repercussões do trabalho sobre a saúde do professor, apesar de pesquisa com 808 professores da rede municipal de Vitória da Conquista – Bahia afirmar que a saúde mental dos educadores está fortemente associada ao conteúdo de seu trabalho<sup>(7)</sup>.

Pode existir no professor a vivência do medo, mas que não aparece na superfície, pois se encontra contido pelos mecanismos de defesa. Se o medo não fosse neutralizado, se pudesse aparecer a qualquer momento durante o trabalho, neste caso, os professores não poderiam continuar suas tarefas por mais tempo. Esse medo quando aparece é camuflado, por exemplo, como sintomas medicalizantes de ansiedade, e constitui-se uma: a) ansiedade relativa à degradação do funcionamento mental e do equilíbrio psicoafetivo; b) ansiedade relativa à degradação do organismo e morte<sup>(8)</sup>.

O objetivo do estudo é analisar as percepções sobre a interação em saúde e ambiente, a partir dos relatos e diálogos com adolescentes e professores de duas escolas públicas do Rio de Janeiro, sobre a violência e a promoção da saúde.

## MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa social em saúde, descritiva, com abordagem qualitativa, que foi desenvolvida em duas escolas (ensino fundamental e médio) públicas do Rio de Janeiro. A escolha das escolas foi motivada por receber alunos de comunidades, e uma das escolas foi denunciada na mídia pelos seus alunos, por causa da falta de infraestrutura na escola (hiper-aquecimento das salas de aula no verão, instalação elétrica insuficiente em relação à demanda da escola, o que impossibilitou a instalação de ventiladores, superlotação das salas de aula e falta de professores). O prédio anexo ao principal da escola era apelidado de Carandiru (lembrando a Casa de Detenção de São Paulo, conhecida como Carandiru, retratada em filme em 2003), pelo motivo da superlotação e o calor excessivo.

O estudo foi desenvolvido entre fevereiro a junho de 2009, envolvendo 153 adolescentes e 17 professores. As idades dos alunos compreenderam entre 12 a 19 anos. Utilizaram-se como instrumentos de coleta de dados com os adolescentes: a) observação participante, com anotações em diário de campo; b) questionário semiestruturado; c) grupo focal. E com os professores: a) observação participante, com anotações em diário de campo; b) grupo de estudo. Um professor de geografia e duas professoras de biologia auxiliaram na coleta dos dados com os estudantes, além da equipe pedagógica de ambas as escolas. As turmas participantes da pesquisa foram indicadas pelas direções pedagógicas.

Com o questionário e o grupo focal foi proporcionado aos adolescentes um espaço para realizarem reflexões sobre os problemas de saúde e sociais da comunidade e da escola. Utilizou-se o seguinte roteiro de orientação para o questionário e o grupo focal: a) como os problemas da comunidade e da escola podem influenciar na saúde; b) expectativas para o futuro da saúde da comunidade e da escola; c) como contribuir para a promoção da saúde do ambiente (compreendido como espaço físico e social); d) como ser um cidadão responsável com a saúde da comunidade e da escola.

A realização da pesquisa ocorreu em seis momentos: a) apresentação da pesquisa à equipe pedagógica; b) reunião com os responsáveis e os alunos, com aceitação espontânea dos adolescentes em participar, firmada na assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE; c) aplicação do questionário aos alunos; d) realização do grupo

focal com os alunos; e) realização de grupo de estudo com 17 professores de uma das escolas (de ensino fundamental).

O TCLE foi assinado por 164 adolescentes e seus responsáveis. Cento e cinquenta e três (153) estudantes responderam o questionário. Dos 153 alunos, 52 participaram do grupo focal, subdivididos em 7 grupos. Os critérios de inclusão dos alunos no grupo focal contemplaram: a) aceitação espontânea em participar (dos 153 alunos apenas 5 não aceitaram participar); b) sorteio entre aqueles que aceitaram participar. Como critério de saturação para a finalização do trabalho de campo foi considerado o cronograma da pesquisa e as atividades da escola (período de provas, conselho de classe e término do semestre)<sup>(9)</sup>.

O grupo focal foi considerado como um instrumento de coleta de informações de caráter qualitativo, cujo objetivo era revelar as percepções dos participantes sobre a interação em saúde e ambiente. Com cada um dos sete grupos de adolescentes realizaram-se três encontros para realização do grupo focal, no turno regular dos alunos.

No tratamento dos dados, através da análise qualitativa temática<sup>(10,11)</sup>, identificaram-se os núcleos de sentido, com uma leitura com atenção flutuante do material produzido no questionário e no grupo focal, conjuntamente com a observação participante *in loco* e anotações em um diário de campo. Assim, o *corpus* de análise foi formado por: a) questionários; b) transcrições do grupo focal; c) diário de campo. A trajetória da análise seguiu as seguintes etapas: a) compreensão geral dos questionários, das transcrições dos grupos focais e diário de campo; b) identificação das ideias centrais (núcleos de sentido); c) análise dos núcleos de sentido para construir categorias temáticas mais amplas ou eixos, em torno dos quais podem ser discutidas as diferentes partes dos textos analisadas; d) discussão dos resultados a partir de temáticas.

Assim, o caminho da interpretação do *corpus* de análise seguiu como primeira etapa para a leitura compreensiva do material selecionado, com a finalidade de ser impregnado pelo conteúdo do material, ter uma visão do conjunto e apreender as particularidades. Com a capacidade de descrever as falas, as ações e os fatos a partir da perspectiva dos atores sociais participantes do estudo. Na segunda etapa buscou-se a elaboração de estruturas para análise, identificação e problematização das ideias e diálogos com outros estudos para comparação. Deste modo, realizou-se a descrição, a análise e a interpretação dos dados.

Os resultados da pesquisa foram divididos em quatro categorias para efeito de análise, sendo que duas categorias descrevem o cuidado à saúde e à atenção primária: a) o cuidado à saúde e informação; b) atenção primária e SUS. E as outras duas descrevem alguns determinantes sociais

no processo saúde-doença: c) pobreza e alimentação; d) violência e os danos à saúde. Este artigo é um recorte sobre a violência, ou seja, a quarta categoria de análise – violência e os danos à saúde.

O anonimato dos participantes foi respeitado, a fim de preservar a identidade dos mesmos, obedecendo aos princípios éticos, sendo o projeto aprovado sob parecer de nº. 174/2008, pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/ Fundação Oswaldo Cruz.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na análise temática, a partir dos discursos dos alunos, apontaram para três formas da violência: urbana, escolar e sexual intrafamiliar.

### Violência urbana

Os adolescentes descreveram a violência urbana interferindo na área de lazer da comunidade, que está impedida de funcionar por não ser considerada pelos seus moradores um espaço seguro:

*Tem que melhorar, porque está horrível, nós crianças não podemos nem brincar que sai tiro.*

Alguns adolescentes consideram a segurança pública como proteção:

*Prende os prisioneiros e ajuda não ter brigas para prejudicar.*

*Para os bandidos serem presos e acabarem os crimes.*

*A segurança tem que aumentar para todos nós!*

Enquanto para outros, a segurança pública é ineficaz:

*Porque tem gente que morre e a polícia nem liga.*

Uma pesquisa apresentou que adolescentes, em uma discussão sobre a segurança pública, manifestaram a descrença na justiça e na polícia<sup>(1)</sup>. Os estudantes relatam que grupos de pessoas da comunidade tentam manter a segurança da comunidade, e julgam suas práticas adequadas:

*Nossas preocupações são grandes e até por isso fazemos justiças para que as coisas melhorem, para o mundo ter paz.*

A violência urbana foi apresentada como consequência da dificuldade de conseguir um emprego, decorrente da falta da escolaridade e capacitação profissional, seria uma situação básica propícia para a entrada do adolescente no mundo da criminalidade, para conseguir dinheiro fácil:

*O dinheiro só traz violência, são aquelas pessoas que não se interessam em estudar e não conseguem arranjar emprego para ganhar dinheiro, e aí roubam. Precisamos acabar com isso, vamos nos unir e pensar melhor.*

Os alunos sentiram-se incomodados com essa situação: *A violência tem que acabar, as pessoas não se conformam com o assassinato de pessoas inocentes por causa do dinheiro e roubo.*

Pesquisas apontam que o ambiente nas proximidades da escola, sendo violento, aumenta os riscos de violência na escola. A escola pública é considerada como espaço violento, pois tendem a refletir a violência presente no seu entorno, e que muitas vezes a adentra, deixando de ser um espaço protegido e tornando-se um espaço de reprodução das violências da sociedade<sup>(12,13)</sup>.

Estudo demonstrou que escolas situadas em áreas de intensos conflitos entre traficantes e a polícia, a existência de armas de fogo, é mais relatada tanto pelos adolescentes quanto pelos educadores. Essas escolas estudadas eram as mais depredadas e pichadas, evidenciando-se a inter-relação do ambiente com a instituição escolar. As raízes da violência na escola encontram-se na violência no bairro, na família e em condições estruturais como a pobreza e privação. A violência vivida e testemunhada fora da escola tem impacto direto e indireto sobre a vida escolar, pois afeta o desempenho dos estudantes, as relações entre os alunos e dos alunos com os professores<sup>(1)</sup>.

Essa concepção é corroborada por outra pesquisa, realizada em 24 escolas públicas de Belém, para verificar a qualidade das relações sociais estabelecidas entre os sujeitos da comunidade escolar. Detectaram que as manifestações da violência nesse espaço estão diretamente relacionadas aos padrões internos (escolares) e externos (urbanos) das relações sociais ali estabelecidas<sup>(14)</sup>.

### Violência Escolar

Sobre a violência na escola observa-se a violência dos estudantes por meio das seguintes situações: vandalismo, pichações, xingamentos entre alunos e aos professores, ameaças entre alunos e professores, brigas com e sem agressões físicas entre alunos e furtos de material de alunos e professores. Deste modo, encontram-se as seguintes formas de expressão da violência: a) violência física (uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades); b) violência psicológica (agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar e humilhar); c) violência interpessoal (caracterizada pela violência de uma pessoa contra outra)<sup>(4)</sup>.

Em pesquisa nacional<sup>(12)</sup>, que contribuiu para o diagnóstico de situações de violência vividas e percebidas por estudantes, apresenta que a violência tem emergido como um grande problema entre adolescentes, sendo a luta física (brigas) uma das manifestações mais comuns de violência interpessoal<sup>(12)</sup>, o que comprova os achados do presente estudo.



Estudo realizado com 47 professores de quatro escolas, públicas e particulares, apontou como a subcategoria mais frequente a violência entre alunos, seguida pela violência de aluno para professor<sup>(15)</sup>.

Assistimos constantes agressões físicas, ocorrendo durante aulas, na estrutura do prédio da escola (corredor e pátio) e no trajeto dos alunos no caminho da casa à escola ou da escola para casa. Exigindo, às vezes, a demanda do comparecimento da Guarda Municipal e encaminhamento aos hospitais.

Pesquisa recente demonstrou que alunos não frequentavam a escola porque não se sentiam seguros no caminho de casa para a escola e vice-versa, e alguns deixaram de ir à escola porque não se sentiam seguros no seu interior<sup>(12)</sup>.

Durante as atividades de campo da atual pesquisa, uma porta enorme de ferro do pólo de ciências e matemática foi arrancada; a pia do banheiro quebrada e desencaixada da tubulação; os vidros recém-colocados tiveram a massa de revestimento retirada para brincadeiras de modelar, deixando os vidros soltos e quebrados; um retrovisor do carro de uma professora também foi danificado e a calota de outro carro retirada; a punição aplicada nessa situação pela direção da escola foi o pagamento do prejuízo físico, com ameaças de chamar a polícia. Os alunos não apresentavam sentir o espaço público da escola como pertencentes a eles, mas como um espaço sem dono; não se apropriam da escola, apenas passam por ela como algo externo e sem afeto. Em estudo realizado em uma escola pública de Fortaleza, demonstrou-se que na violência verbal e no comportamento agressivo dos alunos pode estar implícito um pedido de socorro, e uma necessidade de pertencer a um contexto em que o aluno se sinta acolhido e valorizado<sup>(16)</sup>.

Os adolescentes do atual estudo também não podiam deixar seu material escolar – mochila e estojo – sozinhos na sala de aula, ficavam desesperados ao saber que a sala estava vazia com os seus pertences vulneráveis a furto. Alguns dos materiais escolares já desapareceram, e foram encontrados posteriormente destruídos. Os objetos não eram furtados para sua utilização, mas pelo prazer de causar prejuízo ao colega, a literatura concebe esse comportamento como *bullying*<sup>(2,13,16,17)</sup>.

Outra expressão de *bullying* foi presenciada durante o grupo focal na presente investigação, através dos apelidos atribuídos aos colegas, como, por exemplo, algumas meninas chamavam a outra de *chacrete*. Os adolescentes constantemente cantavam músicas de *funk* uns para os outros, cujas letras eram palavrões, com uma forma agressiva e expressões de caráter sexual. Pesquisa realizada em escola de ensino fundamental de São Paulo identificou que as ameaças, inclusive as brigas verbais com palavrões, fizeram-se tão presentes como as corporais. Os palavrões

não são considerados violência verbal pelos estudantes. As expressões chulas fazem parte do dia-a-dia e são expressadas com naturalidade<sup>(18)</sup>. Outro estudo apresenta que a humilhação foi a forma de agressão mais sofrida pelos alunos, seguida dos furtos, ameaças e destruição de objetos pessoais. Os alunos desse estudo também se queixaram de ser humilhados na família, na escola e na comunidade, e disseram agir da mesma forma com seus semelhantes, reproduzindo o comportamento<sup>(1)</sup>.

Outras evidências da violência foram destruições: a) na escola: pichações em paredes e danificação de equipamentos; b) propriedades particulares: pichações. Os alunos investigados na presente pesquisa relataram que já fizeram pichações no prédio escolar, nas casas ao entorno e nos ônibus. A literatura destaca que o comportamento de violência dos alunos contra a escola é mais frequente em escolas públicas, motivado pelo pensamento que o público é de ninguém<sup>(3)</sup>.

A violência da escola foi presenciada no atual estudo, este tipo de violência é pouco estudado e conhecido, refere-se ao modo como se estruturam as relações hierárquicas no sistema educacional. O relacionamento dos educadores da escola com os alunos demonstrou evidências de violência psicológica, algumas vezes os alunos eram tratados com ameaças e gritos, como marginais à disciplina escolar. Durante o grupo de estudos com os professores, eles demonstraram surpresa com o resultado da pesquisa, um professor de educação física expressou esse sentimento ao relatar que se sentiu com a autoestima elevada por saber que alguns de seus alunos, que para ele “*não valem nada*”, conseguiram participar das atividades da pesquisa. A literatura apresenta esse tipo de comentário como pejorativo e uma violência psicológica (violência de professor contra aluno), que ainda é pouco estudada e não reconhecida pelos professores quando a praticam<sup>(3,19)</sup>.

Um estudo, com o universo de 47 professores de escolas (públicas e particulares) revelou que a violência de professor para aluno foi comentada por uma minoria deles, apenas 20,7% dos professores da escola pública e 11,1% dos professores da escola particular<sup>(15)</sup>. Outra pesquisa descreveu que os professores relacionam, primeiramente, os episódios de violência envolvendo os alunos, sejam como vítimas ou agressores, enquanto que os professores e outras autoridades escolares, dificilmente, são identificadas como agentes da violência. As ações repressivas e comentários reprovadores estão relacionados à violência de professor para aluno, entretanto os educadores não percebem essas ações como violência, isto é, não se veem como protagonistas, e alegam fazer uso dessas práticas como medidas educativas e disciplinadoras contra a violência. Os docentes também não se incluem no exercício da violência simbólica<sup>(19)</sup>.

Na atual pesquisa, a violência contra a escola faz claramente parte do cotidiano escolar. A literatura concebe que há a necessidade de uma política de valorização da educação e do magistério, com melhorias nas condições de trabalho, salários e formação de professores, para reverter a exploração do trabalhador<sup>(3)</sup>. A saúde dos professores demonstra-se muito comprometida, que algumas vezes fazem uso de medicamentos prescritos e não prescritos por médicos<sup>(20)</sup>. Atualmente, o trabalho em escolas pode favorecer adoecimentos e sofrimento, junto com o consequente afastamento desses profissionais<sup>(21-23)</sup>.

Pesquisas evidenciaram a prevalência de casos suspeitos de distúrbios psíquicos elevado entre professores, e indícios da associação desta prevalência com as exigências do trabalho. Assim, a saúde mental dos professores pode estar associada ao conteúdo de seu trabalho<sup>(7,24)</sup>.

As enfermidades psicossomáticas são expressas através de um conjunto de sintomas: cansaço constante após repouso, depressão, esgotamento físico e mental, desânimo, alterações digestivas e de sono, e enxaquecas. São problemas potencializados ao final do ano letivo, e que podem ser um elemento estratégico de investigação da saúde mental dos docentes. São sintomas que podem promover: inibição da iniciativa, embotamento afetivo e diminuição da criatividade<sup>(23)</sup>.

Essa situação pode gerar afastamentos temporários dos professores, a pedido deles mesmos, que são proporcionados através de acordos informais com a direção da escola. Esses acordos informais, que não são notificados, possibilitariam o mascaramento do real problema e o não reconhecimento da gravidade, o que poderia orientar a busca de soluções<sup>(21,23)</sup>. A relação com os alunos que foram motivos de prazer para o professor, agora deixa de ser estimulante<sup>(21)</sup>.

Sugere-se uma atenção a todos os trabalhadores da escola (docentes, equipe técnica e de apoio), pois alguns estudos<sup>(6,21,22,23)</sup> abordam apenas os docentes, mas todos os trabalhadores são afetados pela violência. Compreendemos por trabalhadores da escola: os docentes, a equipe técnica (diretor, vice-diretor e orientador pedagógico) e de apoio (inspetor, merendeira e faxineiro(a)). Deste modo, os trabalhadores da escola da presente pesquisa relataram preocupação com o aumento da violência escolar em sua saúde. Em síntese, destaca-se que a violência escolar foi mais relatada do que o tráfico de drogas, algumas vezes até banalizado e socialmente aceito. Os adolescentes pouco debateram, especificamente, sobre o tráfico de drogas, acham normal os tiroteios na comunidade, alguns disseram que permanecem em suas janelas para assistir o show dos fogos de artifício do “Ano Novo em Copacabana”. A perspectiva dos adolescentes é permanecer morando em comunidades, apenas trocando de uma para outra quando estiverem com a oportunidade de residir naquela de maior

popularidade, ou seja, que aparece mais na mídia, por causa da violência.

Deste modo, observa-se nesta pesquisa: a violência entre alunos (brigas com ou sem agressões físicas, ameaças e destruição de material escolar dos colegas), a violência de aluno contra professor (xingamentos, ameaças, destruição de carros e roubo de material de uso pessoal, como, por exemplo, estojos e seu conteúdo), a violência de aluno contra a escola (através de vandalismo, depredações, quebra de instalações ou de equipamentos e pichações) e a violência de professor contra aluno (violência psicológica, através de comentários pejorativos). Não se observou nas escolas pesquisadas a ação de pessoas ou grupos externos à escola agindo com depredações, arrombamentos e roubos, além dos próprios alunos. Assim, entre os adolescentes de 12 a 14 anos a situação da violência escolar apresentou-se mais agravante do que entre os estudantes de 14 a 19 anos, que apresentaram discussões mais direcionadas à violência urbana.

### Violência e Família

A forma como o aluno vivencia a violência em seu espaço social (casa e comunidade) espelha em seu comportamento, insere o discurso do sujeito na violência, seu modo de agir não se alterar no espaço escolar, para ele a vida é assim, se agrediu o colega é porque foi necessário, é assim que a situação é resolvida, e encontra eco na saúde escolar.

Uma pesquisa realizada apresentou que existem ameaças dos pais contra seus próprios filhos, invocando a reagirem, por conta de brigas dentro e fora da escola<sup>(18)</sup>. A violência familiar foi referenciada também em outros estudos<sup>(15,25)</sup>. Professores identificaram que alunos, ao serem tratados de forma violenta em casa, estariam aprendendo a se comportar violentamente<sup>(15)</sup>. Atribuem, de forma extremamente significativa, a desestruturação familiar como uma das causas que contribuem para o surgimento da violência escolar<sup>(25)</sup>.

A negação do diálogo e a violência (física, sexual, moral e psicológica) contra os adolescentes, que ocorrem muitas vezes no âmbito intrafamiliar, podem refletir na vida escolar na forma de comportamentos agressivos, ou mesmo apático dos alunos, desafiando os educadores a enfrentar essa problemática<sup>(1)</sup>.

Os adolescentes da presente pesquisa também discutiram sobre a violência sexual intrafamiliar:

*A violência é um assunto que nós brasileiros devemos acabar. Se nós brasileiros acabarmos com isso não teremos violência, mas não adianta, todos falam na televisão e ninguém liga, pois os pais estupram seus próprios filhos. Assim o Brasil não vai para frente. Hoje*

*em dia no Brasil está cada vez mais perigoso. Por causa de muitos ladrões. Crianças inocentes estão morrendo e estão sendo agredidos pela própria mãe dentro de casa. Tem jovem estuprando também sua própria mãe dentro de casa.*

Um estudo detectou situações de abuso sexual intrafamiliar, com o agravante do envolvimento de familiares. Contudo, a violência sexual foi uma das formas menos identificadas pelos alunos, professores, equipe de apoio e técnica da escola e famílias<sup>(14)</sup>. Outras pesquisas corroboram mais com os dados do presente estudo, pois chamam a atenção para a presença marcante da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes praticada por pais ou padrastos<sup>(12,15)</sup>.

### **Sugestões para a criação de ambientes favoráveis à saúde na escola**

Uma pergunta poderia ser feita – “De quem é a ‘culpa’ da violência escolar?”, seria da família, da conjuntura social, da política ou da econômica?<sup>23</sup>. Alguns fatores favorecem essa violência: a) ênfase no rendimento escolar, em vez de nos sujeitos e as subjetividades; b) hierarquização rígida da relação professor e aluno, criando dificuldade de comunicação; c) elevado número de alunos, com a massificação do ensino e a dificuldade do estabelecimento dos vínculos afetivos entre alunos e educadores; d) relações interpessoais fragilizadas entre os educadores, alunos e suas famílias<sup>(4)</sup>.

Acredita-se que não devemos centralizar nossos esforços em culpabilizar alguém, mas reunir energias para enfrentar essa situação da violência escolar para promover a saúde, reconhecendo o grande valor dos educadores. Sugerem-se algumas estratégias que poderão promover a saúde do ambiente escolar: a) fortalecimento da comunicação, com uma escuta acolhedora; b) desenvolvimento da participação ativa de todos os atores sociais (educadores e funcionários, alunos e famílias) nas atividades da escola; c) estabelecer uma educação no modelo para e pela cidadania<sup>(17,26)</sup>.

A promoção da saúde é definida na Carta de Ottawa como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua saúde e qualidade de vida, com a sua participação ativa no controle desse processo. Assim, toda a comunidade escolar (educadores e funcionários, alunos e famílias) deve ter uma participação ativa na promoção da saúde do ambiente escolar<sup>(27)</sup>. A promoção da saúde não trabalha com o risco (a falta), como a originada pela violência escolar, mas com os recursos e potencialidades para o enfrentamento dessa situação, assim ultrapassa a ideia da simples prevenção da violência, mas visa fortalecer os fatores de proteção e estimular as potencialidades de cada ator social da escola<sup>(28)</sup>.

Para construção do ambiente escolar favorável à saúde, é importante: a) conhecer e analisar o ambiente (físico e social) no qual a escola está inserida, junto com as relações com a: família, comunidade e serviços de saúde<sup>(29)</sup>. Deste modo, existe a necessidade da escola trabalhar em parceria com os núcleos familiares e comunitários; b) conhecer a representação social de saúde atribuído pelas famílias e comunidades; c) conhecer o nível da atenção primária em saúde da área da escola; d) examinar as formas como são estabelecidas as relações de poder a partir das vivências da escola. Para uma interlocução entre a área da saúde e da educação, com um trabalho intersetorial e interdisciplinar, com o objetivo da construção de ações e programas nos moldes da promoção da saúde<sup>(30)</sup>.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O antídoto da violência é a capacidade que a sociedade tem de incluir, ampliar e universalizar os direitos e a cidadania, ou seja, a não violência pressupõe o reconhecimento da humanidade e da cidadania do outro, o desenvolvimento de valores de paz, solidariedade, convivência, tolerância, capacidade de negociação e de solução de conflitos pelo diálogo. O oposto da violência não seria a “a não violência”, mas a inclusão na cidadania e sua vivência plena. A violência tem soluções, seu enfrentamento depende de todos os atores sociais da escola<sup>(4)</sup>.

Infelizmente, ainda assistimos, em algumas situações, a normalização e banalização da violência no âmbito da instituição escolar<sup>(19)</sup>. Não devemos culpar os alunos ou educadores pela violência escolar, ou mesmo as famílias ou o Estado, mas são as relações sociais que precisam ser revistas. Em vez de culpabilizações, devemos reunir energias para mobilizar recursos e competências para lidar com a violência e garantir a saúde escolar.

Reunindo saúde e educação em um único ambiente, isto é, a escola, com um trabalho intersetorial e interdisciplinar, o nosso objetivo é a construção projetos participativos para desenvolver estratégias, com a finalidade de construir um ambiente favorável à promoção da saúde. Deste modo, a escola torna-se uma estratégica porta de entrada para o desenvolvimento da saúde coletiva, como um espaço da atenção básica.

### **REFERÊNCIAS**

1. Njaine K, Minayo MCS. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. Interface - Comunic Saúde Educ. 2003;7:119-34.
2. Lopes Neto AA. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. J Pediatr. (Rio J.). 2005;81:164-72.

3. Ristum M. Violência na escola, da escola e contra a escola. In: Assis SG, Constantino P, Avanci JQ, organizadoras. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2010. p. 65-93.
4. Assis SG, Marriel NSM. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: Assis SG, Constantino P, Avanci JQ, organizadoras. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2010. p. 41-63.
5. Bourdieu P. Sobre o poder simbólico. In: Bourdieu P. O poder simbólico. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007. p. 7-16.
6. Bicudo-Pereira IMT, Penteado RZ, Bydlowski CR, Elmor MRD, Grazzelli ME. Escolas Promotoras de Saúde: onde está o trabalhador professor? Saúde Rev. 2003;5:29-34
7. Reis EJFB, Carvalho FM, Araújo TM, Porto LA, Neto Silvano AM. Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cad Saúde Pública. 2005;21:1480-90.
8. Dejours C. Trabalho e medo. In: Dejours C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez- Oboré; 1987. p.63-79.
9. Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. Cad Saúde Pública. 2008;24:17-27.
10. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco; 2007.
11. Minayo MCS, organizadora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 26ª ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
12. Malta DC. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). Ciênc. Saúde Coletiva. 2010;15:3053-63.
13. Malta DC. *Bullying* nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. Ciênc Saúde Coletiva. 2010;15:3065-76.
14. Pontes RN, Cruz CRR, Melo JSM. Relações sociais e violências nas escolas. Belém: Unama; 2007.
15. Ristum M, Bastos ACS. Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. Ciênc Saúde Coletiva. 2004; 9:225-39.
16. Vieira LJES, Abreu CAP, Valdês MTM, Oliveira EM, Ferreira RC, Catrib AMF. Violência na escola pública: relatos de professores. Rev bras promoç saúde. 2010; 23:34-42.
17. Ristum M. *Bullying* escolar. In: Assis SG, Constantino P, Avanci JQ, organizadores. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2010. p. 95-119.
18. Medeiros CMB. Agressões em uma escola de ensino fundamental: visão dos alunos, professores e funcionários [dissertação]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2006.
19. Souza LV, Ristum M. Relatos de violência, concepções de violência e práticas escolares de professoras: em busca de relações. Paidéia. 2005; 15:377-85.
20. Brito J, Athayde M. Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista enigmático da atividade. Trab.Educ. Saúde. 2003;1:63-89.
21. Neves MY. Trabalho docente e saúde mental. In: Seminário Nacional de Saúde Mental e Trabalho; 2008 Novembro 28-29; São Paulo, Brasil; 2008.
22. Gomes L, Brito J. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. Estud pesqui psicol. 2006;6:49-62.
23. Neves MYR, Silva ES. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. Estud pesqui psicol. 2006;6:63-75.
24. Porto LA. Associação entre distúrbios psíquicos e aspectos psicossociais do trabalho de professores. Rev Saúde Pública. 2006;40:818-26.
25. Pereira MA. Violência nas escolas: visão de professores do ensino fundamental sobre esta questão [dissertação]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo; 2003.
26. Gadotti M. Educação para e pela cidadania. In: Rattner H, organizador. Brasil no limiar do século XXI: alternativas para a construção de uma sociedade sustentável. São Paulo: Edusp; 2000. p.287-307.
27. Brasil. As Cartas da Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2002.
28. Avanci JQ, Pesce RP, Ferreira AL. Reflexões sobre promoção da saúde e prevenção da violência na escola. In: Assis SG, Constantino P, Avanci JQ, organizadores. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2010. p.177-201.
29. Tavares MFL, Rocha RM. Promoção da saúde e a prática de atividade física em escolas de Manginhos-Rio de Janeiro. In: Brasil. Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. p.157-67.



30. Silva EF, Brito J, Neves MY, Athayde M. A promoção da saúde a partir das situações de trabalho: considerações referenciadas em uma experiência com trabalhadores de escolas públicas. *Interface – Comunic Saúde Educ.* 2009;13:107-19.

**Endereço para correspondência:**

Kátia Ovídia José de Souza  
Rua Imbuí, 240/casa 17  
Bairro: Tanque-Jacarepaguá  
CEP: 22730-100 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil  
E-mail: [katiaovidia@oi.com.br](mailto:katiaovidia@oi.com.br)